

Editorial

PREZADO LEITOR,

No contexto atual, os preceitos que regem o processo de inclusão intensificam-se e alargam-se em diversas frentes. É certo que a inclusão educacional ocupa um lugar de destaque em nossas preocupações, assim, este periódico busca veicular trabalhos que esclareçam o assunto e aclaremos conceitos desse novo paradigma no âmbito educacional. A edição do nº 43 de nossa revista, traz para nossa análise, importantes contribuições.

O primeiro artigo, produzido pelas professoras Regina Célia Gouvêa Lázaro e Helenice Maia, sob o título "Inclusão do aluno com baixa visão na rede regular de ensino: a que custo?", trata de uma questão séria e que precisa ser criteriosamente analisada: a inclusão na Rede Regular de Ensino de alunos com baixa visão. As articulistas apontam a necessidade de o corpo docente estar preparado e cômico do papel que lhe cabe no processo ensino-aprendizagem. Tomam como instrumento de análise, a Política Nacional de Inclusão Escolar no Sistema Regular de Ensino. O aluno com baixa visão ainda é uma incógnita para a maioria dos professores: eis a importância deste estudo.

A cartografia tátil começa a ganhar corpo entre pesquisadores e desperta novas possibilidades para que os professores tenham condições de transmitir inúmeros conceitos ao aluno com deficiência visual. A pesquisadora Ruth Emília Nogueira, membro do Laboratório de Cartografia Tátil e Escolar da Universidade Federal de Santa Catarina, traz-nos o segundo artigo: "Mapas Táteis Padronizados e Acessíveis na Web". A relevância da pesquisa, centra-se na grande dificuldade que afeta, principalmente, pessoas cegas - a noção do espaço. Por meio desses trabalhos, o cego passa a ter maiores oportunidades de vivenciar experiências espaciais. É necessário que se incrementem outras linhas de pesquisa abordando este tema.

O terceiro artigo, fala-nos de uma pesquisa realizada por terapeutas ocupacionais na Universidade Estadual de Campinas. O foco do trabalho prende-se a ação da terapia ocupacional em crianças de visão subnormal até um ano de idade. Para tanto, as pesquisadoras utilizaram-se de sessenta prontuários fornecidos pelo Serviço de Visão Subnormal Infantil (SVSNI). Vale a pena conferir o resultado alcançado e a conclusão a que chegam as autoras do estudo: "Atendimento de Terapia Ocupacional em Serviço de Visão Subnormal: Caracterização dos Usuários". Pesquisadoras: Maria Inês Rubo de Souza Nobre, Rita de Cassia Ieto Montilha, Mirela de Oliveira Figueiredo, Débora Porto Maciel e Kélia M. Monteiro de Carvalho.

Fechando esta edição, temos um relato de experiência que demonstra a possibilidade real de o deficiente visual (pessoas cegas e baixa visão) serem indivíduos verdadeiramente produtivos. A Construtora Biapó, empresa responsável pela restauração do prédio principal do Instituto Benjamin Constant contratou para o período das obras, seis reabilitandos. Esta iniciativa merece ser reconhecida como uma atitude de inclusão. O êxito alcançado, revela a necessidade de se tentarem outras empreitadas como essa. É importante que tal experiência seja mostrada e, principalmente, seguida. Aí está mais uma revista. Esperamos, caro leitor, estarmos participando do seu desenvolvimento profissional.

Érica Deslandes Magno Oliveira
Diretora Geral do IBC